

SUJEITO, DISCURSO E IDENTIDADES JOVENS CONSTRUÍDAS NA LETRA MUSICAL EDUARDO E MÔNICA, DE LEGIÃO URBANA

SUBJECT, DISCOURSE, AND YOUTH IDENTITIES BUILT IN “EDUARDO E MONICA” LYRICS, BY LEGIÃO URBANA

Anísio Batista Pereira
Mestre em Estudos da Linguagem¹
Universidade Federal de Goiás-UFG (Regional Catalão)
(anisiopereira2008@hotmail.com)

RESUMO: O rock brasileiro da década de 1980 tem por característica peculiar a juventude, uma vez que o público consumidor, compositores e integrantes das bandas desse gênero musical são formados especialmente por jovens. Nesse período, acontece uma liberdade de expressão artística e, conseqüentemente, uma expansão da indústria fonográfica, uma vez que o consumo dessa cultura musical se dá em larga escala, possibilitando sua expansão considerável. Nessa direção, esta pesquisa se propõe a analisar a letra musical **Eduardo e Mônica**, de Legião Urbana, pertencente ao gênero musical supracitado, com o objetivo de investigar a construção de identidades ligadas à juventude, dadas pela diferença. Na narrativa musical, percebe-se uma trajetória de dois jovens (rapaz e moça) que se conhecem, apresentando diferenças bastante demarcadas nas suas práticas sociais, tendo em vista que se trata de dois sujeitos integrantes de classes sociais diferentes: ela, uma burguesa; ele, de classe média baixa. Porém, mesmo com essas diferenças, o casal inicia um processo de relacionamento, e o jovem acaba sendo influenciado pela moça, superando as diferenças. O arcabouço teórico-metodológico para este estudo se baseia na Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente a partir das formulações foucaultianas, pela constituição dos sujeitos e pelas subjetividades que se traduzem em identidades. Verifica-se, nessa referida letra musical, que os posicionamentos dos sujeitos, materializados no discurso, apontam para construções identitárias no âmbito da diferença.

Palavras-Chave: Discurso. Identidades jovens. Rock 1980. Legião Urbana.

ABSTRACT: Brazilian rock music of the 1980s has the peculiar characteristic of youth, as the genre consumer audience, composers and members of the bands are especially formed by young people. During this period there was freedom of artistic expression and, consequently, an expansion of the music industry, since the consumption of this musical culture takes place on a large scale, allowing its considerable expansion. In this sense, this research aims to analyze the lyrics of **Eduardo and Monica**, by Legião Urbana, belonging to the aforementioned musical genre, in order to investigate the construction of identities linked to youth. In the musical narrative, we can follow the journey a boy and a girl who know each other, with quite marked differences in their social practices, given that they are two subjects of different social classes: she is a bourgeois; he, the lower middle class. But even with these differences, the couple begins a relationship process, and the boy ends up being influenced by the girl, overcoming the differences. The theoretical and methodological framework for this study is based on French discourse analysis, more precisely on Foucault's formulations on the constitution of subjects, subjectivities that translate into identities. It is observed in the lyrics that the positions of the subject, embodied in speech, point to identity constructions in the context of difference.

Keywords: Discourse. Youth identities. Rock 1980. Legião Urbana.

¹ Agência de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás-FAPEG.

Introdução

O rock nacional dos anos 1980 se constitui em uma importante fase no cenário artístico-musical brasileiro. Trata-se de um período pós-ditadura militar, modalidade política em que a censura é uma de suas principais aliadas, sobretudo a mídia, a qual não possuía a liberdade de expressão na referida época. Dessa forma, com o fim desse período conturbado da política brasileira, emerge esse gênero musical chamado **rock dos anos 80**².

O surgimento do rock brasileiro apresenta suas raízes em décadas anteriores, mas é nos anos 1980 que ele vive seu auge. Com fortes influências norte-americanas, sobretudo do chamado Rock'n'roll, o cenário da música brasileira emerge, sobretudo pela geração jovem. Assim, dá-se o início de uma revolução cultural brasileira, em meio a uma transição política, intensificando-se esse estilo musical considerado rebelde, abrindo caminho para um novo modo de expressão, de acordo com os anseios da nova geração.

O presente trabalho consiste em uma pesquisa na área de Análise do Discurso de vertente francesa, envolvendo uma letra de música do rock brasileiro da década de 1980, **Eduardo e Mônica**, da banda Legião Urbana. A proposta do estudo em questão tem por objetivo analisar a construção de identidades jovens pela diferença, no discurso da letra da referida música, a fim de perceber a relação entre identidade cultural e discurso/linguagem.

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, de cunho qualitativo. Além da teoria, foi feita a seleção e leitura de uma música do rock brasileiro, com enfoque na proposta da pesquisa, compreendendo uma banda brasileira desse gênero musical. Tal letra musical foi escolhida pelo fato de possibilitar a abordagem sobre a temática em estudo, identidade, por se referenciar diretamente a sujeitos jovens.

O rock brasileiro, especialmente dos anos de 1980, traz abordagens concisas sobre vários aspectos, envolvendo política, cultura, enfim questões que esboçam a memória de um grupo, no caso, a juventude. Assim, a questão da identidade está intimamente ligada aos aspectos culturais que formam o “jeito de ser” de um povo, sobretudo o brasileiro. Nessa perspectiva, esse estudo contribui para o entendimento

² Vale destacar que tal especificação não se trata de um nascimento desse gênero musical nesse período, o qual se fundamenta em tempos anteriores, como por exemplo, nas décadas de 1950 e 1960, pelos movimentos culturais de juventude. Porém, o que está em jogo são as características e as condições de emergência na década de 1980, tornando-o singular e específico dessa década.

de uma dada memória histórica dos anos 1980, na qual a juventude passa a se expressar de forma mais direta, uma vez que havia encerrado a ditadura militar. Assim, o rock se constitui como marca identitária, como atitude, movimento cultural de forte influência para a juventude daquela referida época. Nessa direção, este artigo está dividido da seguinte forma: o discurso ligado à AD de linha francesa e sua íntima relação com a identidade cultural; e a leitura da música escolhida para estudo. Assim, ao tomar a letra musical como enunciado, segundo as perspectivas foucaultianas, é possível considerá-la como algo efetivamente produzido em uma época, contendo um campo associado, um suporte histórico e uma forma-sujeito.

A identidade cultural e sua relação com a análise do discurso de linha francesa

O rock brasileiro, considerando que seja um gênero musical, tendo seu auge na década de 1980, pode ser tomado como uma manifestação cultural, sobretudo do jovem. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação direta entre essa expressão artístico-musical e o conceito de identidade cultural. Assim, cabe analisar como se dá essa identidade jovem a partir do estudo da letra selecionada, bem como a relação direta entre identidade cultural e discurso/linguagem.

Dessa forma, o rock, sendo um gênero musical, o qual aflora mais expressivamente na década de 80, entende-se que essa cultura está intimamente ligada a uma forma de prática social, suscitando, assim, o conceito de identidade, sobretudo jovem. Sobre identidade, esta envolve as relações sociais, em que diferentes grupos assumem posições distintas. Em relação a essas diferentes posições envolvendo identidade, Bauman (2005, p. 17) aponta que

[...] é porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas “comunidades de indivíduos que acreditam” que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis.

As palavras do citado autor provocam a ideia de que o processo de construção de uma identidade sempre envolve questões culturais, invocando a contradição, o choque entre culturas. E essas culturas opostas, as quais são tidas como práticas sociais, requerem escolhas, identificações entre sujeitos, formando-se, assim, uma

identidade, pela forma de ser, de pensar, a formação discursiva de um determinado grupo de sujeitos.

Nessa perspectiva, as práticas discursivas ganham destaque, se vinculando às práticas culturais, tendo em vista que é por meio da relação com outros sujeitos e com os discursos que o sujeito se constitui, isto é, se subjetiva. Assim, essas relações provocam um processo de intersubjetividade, em que os sujeitos se constituem pelas interações uns com os outros, pelas suas relações envolvendo as práticas discursivas. Essas relações possibilitam afirmar que as subjetividades apresentam seu fundamento no exterior, fundamentando-se na história. Nessas práticas discursivas são formadas as identidades, cujos grupos são formados, sujeitos pertencentes a um mesmo grupo de práticas culturais e se diferenciando uns dos outros, sublinhando identidades diversas.

Sobre a questão de identidade, Woodward (2009, p. 15) reitera que

[...] precisamos, ainda, explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade.

A respeito do conceito de identidade, esse mesmo autor defende a ideia da diferença, isto é, só é possível o entendimento da existência de uma identidade pela diferença que ela apresenta em relação a outra. Inúmeros são os aspectos de diferença, tais como o material, o social, práticas diferenciadas que permitem que haja várias identidades, sendo essas diferenças marcadas por questões identitárias: uma identidade existe pela diferença desses fatores, possibilitando a existência de várias identidades entre os sujeitos. Segundo esse mesmo autor,

[...] a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados (WOODWARD, 2009, p. 14).

Assim, de acordo com os apontamentos citados, para o entendimento da questão da identidade, vários níveis precisam ser entendidos, tanto social quanto

psicológico. Assim, não basta compreender apenas as posições sociais assumidas, mas entender, também, o porquê de essas posições acontecerem.

A identidade e a diferença, apesar de parecerem dois aspectos antagônicos, são complementares, tomando, por exemplo, duas identidades diferentes, tendo em vista que ambas só podem ser percebidas pelo processo de comparação, em que uma se define pela sua diferença em relação a outra. Assim, a identidade necessita da diferença como ponto de partida para a sua formação, possibilitando sua existência no seio das práticas culturais de um grupo de sujeitos. Diante dessa questão, em se tratando de identidade ligada às práticas discursivas, Gregolin (2008, p. 92), em uma leitura de Foucault, reitera que,

[...] produto histórico de práticas discursivas, o sujeito é reportado a posições possíveis de subjetividade. Não importa quem fala, mas o que ele diz, ele não o diz de um lugar qualquer. Assim, além de terem uma memória (repetibilidade) e materialidade, os enunciados estabelecem relações com quem os enuncia. Ao analisar essas relações, não se buscam as intenções, mas essas posições do sujeito, que podem ser ocupadas por aqueles que preencherem certas condições [...]

Portanto, o discurso aponta para a posição do sujeito, o qual fala de um lugar, o que revela, de certa forma, a sua identidade, tendo em vista que essa posição assumida está vinculada à sua ideologia, condicionando seu discurso. Isto é, o sujeito enuncia determinado discurso de um lugar social e em um momento histórico dado, revelando seu posicionamento (FOUCAULT, 2009).

Levando-se em consideração que os sujeitos estão sempre em processo de construção, vale destacar seu movimento pautado nos discursos. Nessa perspectiva, o que está em jogo não é quem fala, mas o que é dito, e o sujeito do discurso ocupa um lugar social que justifica ele dizer o que diz e seus posicionamentos não são fixos, justificando os desdobramentos sobre a não fixação identitária.

Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala (FOUCAULT, 2009, p. 61).

Assumir uma identidade, tendo em vista que as práticas culturais distintas implicam posicionamentos diferentes por sujeitos, vale ressaltar as relações de poder

entre os sujeitos dos discursos, segundo as considerações de Foucault (1981). Para esse filósofo, os sujeitos estão em constantes processos de relações de poder uns com os outros, relações chamadas de microfísicas do poder, dadas pelos discursos, responsáveis pelas subjetivações e se traduzindo em forças que entram em choque nas relações sociais. Assim, esse processo de relações está em consonância com as construções identitárias pelas diferenças que as possibilitam coexistirem.

Nessa direção, produto das relações de poder, a verdade é entendida como resultado das práticas de significação, tendo em vista os sentidos que são construídos pela ordem do discurso (FOUCAULT, 1996), em que os discursos produzidos por uma sociedade podem ser aceitos ou interditados de acordo com as condições e o momento histórico em que aparecem. Nessas circunstâncias, o fenômeno da representação pode ser um fator favorável para a compreensão do que vem a ser identidade, que segundo Woodward (2009, p. 15):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Assim sendo, é por meio do imaginário de suas condições de existência que o sujeito se posiciona, fator que dá sentido às práticas que constituem esse indivíduo como sujeito. “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2009, p. 17). Essas considerações entram em consonância com as afirmações de Navarro (2008, p. 66), o qual aponta sobre a função enunciativa dos enunciados, objetivando perceber “o seu papel na produção discursiva da identidade”.

Dessa forma, a questão sobre identidade pode ser entendida como o resultado de práticas representativas do sujeito, o qual apresenta determinadas características, emitem certos discursos, dentre outros fatores, por estar inserido em um contexto, o que permite afirmar que o mesmo está vinculado a várias identidades. “É claro, pois, que a produção de significados e a produção de identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas” (WOODWARD, 2009, p. 18).

Diante dessa visão de que as identidades estão sempre em movimento, entrelaçadas nas relações sociais pelos sujeitos, faz-se necessário apontar o fator

histórico como um de seus principais constituintes. Assim, o momento histórico se constitui em um elemento indispensável no sentido de fornecer pistas para a compreensão desses sujeitos em relação à formação de suas identidades, atentando para o entendimento de que as condições de produção dos discursos estão sempre se movimentando e que a história, no contexto da AD francesa, pauta pela descontinuidade, cujos discursos são sempre passíveis de serem retomados e que recebem novos efeitos de sentido no discurso vigente (FOUCAULT, 2009). Dessa maneira, os sujeitos se constituem pelos discursos e os processos de subjetivação estão em constantes mutações e construções, possibilitando a locomoção das identidades culturais.

Acerca dessa constituição e relação entre sujeito discursivo e identidade, vale considerar as palavras de Fernandes (2008), o qual aponta que o sujeito constitui sua identidade por meio de suas relações sociopolíticas, sobretudo discursivas. Nessa perspectiva, é possível detectar que, como as transformações sociais estão sempre em movimento e que esse sujeito é por elas influenciado, pode-se afirmar que as identidades não são fixas, mas que estão em constante movimento. Segundo Fernandes (2008, p. 32), “as identidades dispõem de um caráter transitório, mutante, decorrente da perda da estabilidade e da fixidez para o sujeito, deslocado, descentralizado, e constituído pelas relações discursivas”.

Ao analisar alguns fatores da época dos sujeitos jovens em estudo, isto é, o final da segunda metade do século XX, já que se trata de letras de músicas da década de 1980, algumas questões acerca desse período merecem destaque. Trata-se de uma época considerada como do pós-modernidade, em que o sistema social sofre constantes mudanças, advindas de vários fatores, tais como desenvolvimento industrial, tecnológico, emergência da globalização. Esses fatores, direta ou indiretamente, influenciam tanto nas relações de produção e sociais quanto nos aspectos culturais desses sujeitos. Diante do fator globalização, Gregolin (2008, p. 84) destaca que

[...] a "globalização" tem um alto impacto sobre as identidades, transformando conceitos clássicos como de Estado, Nação e o próprio tempo e espaço. Instalam-se as descontinuidades, estabelecendo novas formas de interconexão social e alterando as características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana.

De acordo com as palavras de Gregolin, esse novo sistema de relações sociais entre os sujeitos advém principalmente da globalização, criando sujeitos mais deslocados, podendo assumir várias identidades e/ou deixando umas e assumindo outras de caráter mais geral. Essas definições entram em consonância pelos processos de práticas subjetivas defendidas por Foucault (2009), que sofrem constantes mutações ao longo da história.

Por outro lado, esses deslocamentos entre os sujeitos acabam por produzirem identidades múltiplas, bem como afirma Gregolin (2008, p. 84, grifo da autora):

Atravessadas pela diferença, produzem uma variedade de diversas posições de *sujeito* (identidades) e a estrutura identitária permanece aberta. Isso, no entanto, tem aspectos positivos, pois desarticulam-se as identidades estáveis do passado e abrem-se novas possibilidades de articulações, com a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos.

As palavras de Hall (2011, p. 13) corroboram as considerações de Gregolin sobre esse impacto das transformações da pós-modernidade sobre a(s) identidade(s) do sujeito:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Dessa forma, é observado um impacto sobre o fator identidade dessa nova era, provocado, sobretudo, pelas mudanças nas relações desses sujeitos entre si, resultantes de todo esse processo da pós-modernidade. Assim, afirma-se que todas essas transformações sociais influenciam os sujeitos, de modo a serem percebidas por meio dos discursos. “As transformações sofridas nas condições sociais manifestam-se nas produções discursivas, sempre marcadas pelo entrecruzamento de discursos e acontecimentos anteriores” (FERNANDES, 2008, p. 34).

As questões expostas, referentes à identidade, tais como prática cultural, representação, significados, apresentam grande relevância para este trabalho. Trata-se de identificar os processos identitários de jovens na letra musical do rock, como essas questões constituem esse sujeito, por meio da oposição e implicação entre identidade e diferença. Assim, os jovens dos anos 1980, que foram nascidos e

crecidos durante o regime militar, encontram no rock junto com a abertura política, espaço de manifestação. Dessa forma, eles se posicionam como sujeitos (forma-sujeito – que não é individual, representação de grupo) com diferenças de classe social e de práticas sociais entre um casal de jovens, bem como se percebe na análise da letra a seguir.

Leitura da letra musical Eduardo e Mônica, com ênfase para as identidades jovens

Composta em 1986, a letra de rock nacional **Eduardo e Mônica** pertence ao álbum Dois, do grupo Legião Urbana. Trata-se de uma narrativa poética que conta a história, de forma linear, de dois jovens que se conhecem e o desencadeamento dessa relação é externado, bem como características desses jovens, distintas, que também são abordadas. Dessa maneira, partindo dessas características, desses posicionamentos, a letra será analisada para então elencar identidades jovens desses sujeitos inscritos na referida letra.

As características de Eduardo e Mônica, possibilitando apontar para certos posicionamentos, são abordadas à medida que os dois vão se conhecendo:

Eduardo e Mônica (Renato Russo)

Quem um dia irá dizer que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá
dizer
Que não existe razão?

Eduardo abriu os olhos mas não quis se
levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade
Como eles disseram

Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem
querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se
conhecer
Foi um carinho do cursinho do Eduardo que
disse
- Tem uma festa legal e a gente quer se divertir
Festa estranha, com gente esquisita
- Eu não estou legal, não aguento mais birita
E a Mônica riu e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra

casa
- É quase duas, eu vou me ferrar

Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard
Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo
O Eduardo achou estranho e melhor não
comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo

Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
De Van Gogh e dos Mutantes
Do Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação

E o Eduardo ainda estava
No esquema "escola, cinema, clube, televisão"

E, mesmo com tudo diferente
Veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia
Como tinha de ser

Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro e artesanato e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar
E ela se formou no mesmo mês
Em que ele passou no vestibular

E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes
depois
E todo mundo diz que ele completa ela e vice-
versa
Que nem feijão com arroz

Construíram uma casa uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana e seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram

Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo
Tá de recuperação
E quem um dia irá dizer que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?

Quadro 1: Letra musical Eduardo e Mônica, de Legião Urbana.

Alguns traços contidos nos enunciados acima merecem destaque, possibilitando detectar os dois sujeitos protagonistas como sendo jovens, sendo evidenciado em “Foi um carinho do cursinho do Eduardo que disse”, tomando o cursinho como fase escolar típica dos jovens adolescentes. Ressalte-se que a narrativa poética possui um narrador que, ora se dirige aos personagens de forma indireta, ora cita falas dos protagonistas, lançando mão do discurso direto.

“E a Mônica riu e quis saber um pouco mais”/”Sobre o boyzinho que tentava impressionar” revela um sujeito marcado pela situação que se encontrava. Essa situação demonstra o caráter deslocado do sujeito Eduardo, saindo de si e adotando um outro perfil, ainda que momentâneo, pelo contexto da situação, cujo objetivo era a conquista da jovem. Alguns elementos merecem destaque nesses enunciados, como “festa”, “birita”, “tonto”, “É quase duas”, gostos geralmente atribuídos à juventude.

Pontos de incompatibilidade são percebidos nos enunciados da quarta estrofe, incluindo a escolha do local de encontro (“Eduardo sugeriu uma lanchonete”/”Mas a Mônica queria ver o filme do Godard”), bem como os meios de transportes utilizados (“A Mônica de moto e o Eduardo de camelo”) com destaque para a gíria “camelo” que significa “ônibus”. A marca linguística “mas”, conjunção adversativa, reforça as diferenças em relação aos gostos e características de Eduardo

e Mônica. Porém, o que se percebe, é um processo de intersubjetividade na comunicação de ambos. Enfim, esses pontos mostram diferenças entre eles, gostos, perspectivas, formação cultural/intelectual.

“Mas a menina tinha tinta no cabelo” dá pista das características físicas da jovem, cujo perfil é reprovado por Eduardo, evidenciando as diferenças entre o casal. Assim, Eduardo é preso a uma subjetividade mais conservadora, enquanto Mônica aparenta-se com mais autonomia. Porém, trata-se de impressões inaugurais e as diferenças e estranhamentos vão se transformando à medida que os sujeitos se conhecem.

“Ela” e “Ele” são abordados de forma alternados, revelando subjetividades dos dois jovens, de forma comparativa. Comparações entre elementos diferentes são percebidas, bem como em “Ela era de Leão e ele tinha dezesseis”, isto é, o signo e a idade são colocados no mesmo “prato”.

O discurso contido nos enunciados revela uma formação intelectual diferenciada; enquanto Mônica gosta de culturas mais eruditas, Eduardo apresenta seu gosto pela cultura de massa. Posições de diferenças de classes podem ser apontadas: “Ela fazia Medicina e falava alemão”/“E ele ainda nas aulinhas de inglês”. O diminutivo empregado no termo “aula” exerce a função de destacar a posição inferior de Eduardo em relação à Mônica.

Além disso, vale destacar pistas ligadas ao fenômeno da globalização dos tempos modernos (“Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus/De Van Gogh e dos Mutantes/Do Caetano e de Rimbaud”), cujos posicionamentos apontam para práticas de subjetividades ligadas a identidades globais, cujos sujeitos assumem vários posicionamentos (Gregolin, 2008) e (Hall, 2011). Além disso, essas marcas linguísticas estrangeiras denunciam as influências norte-americanas no rock da década de 1980 (Costa (2001) e na educação (“aulinhas de inglês”) brasileiros. Essas influências servem de base para a compreensão de que as identidades, na maioria das vezes, não são frutos de escolhas livres dos próprios sujeitos, mas que se ligam a questões mercadológicas e midiáticas.

Essas características reveladas podem ser tomadas como posicionamentos de subjetividades desses dois jovens, levando em consideração as condições sociais de cada um e dos gostos vigentes.

No que tange a essas diferenças sociais evidenciadas, cujas práticas culturais se distanciam, entram em consonância com os processos de subjetivação de acordo com as formulações de Foucault (2009). Dessa maneira, cada um dos jovens apresenta subjetividades de acordo com as práticas que o atravessam, se ligando a discursos peculiares de acordo com seus acessos condicionais. Nessa direção, destaca-se que as subjetividades são construções históricas e, por isto, vistas do ponto de vista, também, da exterioridade (FERNANDES, 2008).

Além disso, vale destacar, em meio a essas identidades diferenciadas, o jogo posto pelo narrador no quesito relacionamento amoroso, cuja comparação de classes e gostos norteia o discurso. Nessas circunstâncias, entram em cena as relações de poder (FOUCAULT, 1981) como processos que norteiam as identidades pela diferença.

Apesar das diferenças entre os jovens, o amor acontece entre ambos. Nesse contexto, vale destacar, nos enunciados acima, mudanças de posicionamentos e de valores de Eduardo, como em “Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer”, bem como de autonomia (“E decidiu a trabalhar”). Essas mudanças comprovam que as identidades não são fixas, mas construídas e transformadas ao longo da vida de acordo com a história que é vivenciada pelos sujeitos, variando em meio às condições que provocam essas construções identitárias. “A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente” (SILVA, 2009, p. 96). Além disso, Hall (2011) afirma essa instabilidade identitária quando defende que o sujeito assume diferentes identidades em diferentes épocas.

Quando separados, em processo de conhecimento, o que se percebe é que os dois jovens apresentam perfis bem demarcados, provocando reações de estranhamentos por suas diferenças. A partir do momento em que os sujeitos vivenciam um ao outro, algumas subjetividades são superadas, passando a adotar novos posicionamentos, bem como é evidenciado por parte de Eduardo pelo seu convívio com Mônica. Nessa dimensão, consideram-se as vivências do jovem com Mônica como contexto para a construção de novas subjetividades, condicionando, assim, novas identidades. Nessa perspectiva, o conceito de pertencimento (BAUMAN, 2005) pode ser flexionado, uma vez que, no caso dos dois jovens, trata-se de identidade que parte de escolhas do sujeito, considerando essa adesão do Eduardo em relação às subjetividades de Mônica.

Marcas de lugar (“Brasília”) e de temporalidade (“verão”, “férias”) são elementos que dão pistas do vínculo entre o narrador e os dois sujeitos jovens protagonistas da história, sobretudo pelo enunciado “E a nossa amizade dá saudade no verão”, principalmente pelo pronome pessoal em primeira pessoa do plural, provocando uma ligação entre os três sujeitos (os dois protagonistas e o narrador da história).

Vale destacar que três tempos verbais são utilizados: “voltaram”, “dá”, “não vão”, isto é, pretérito, presente e futuro, revelando as vivências entre narrador e personagens, mas que, a partir de então, há mudanças na rotina dessa amizade. Dessa forma, o narrador se coloca no discurso, traçando um elo entre si e os dois sujeitos jovens. Assim, o narrador se apresenta com certa intimidade em relação ao casal, parecendo falar de dois amigos, conhecidos.

Além de traços de identidades jovens, ao longo dessa letra, nos enunciados analisados, várias diferenças são apresentadas no que tange ao casal Eduardo e Mônica, evidenciando a conotação social com valores invertidos (rapaz mais jovem, com nível intelectual e classe social inferiores aos da moça), o que implica a desconstrução de uma tradição burguesa por novos experimentos. Nessa perspectiva, em que são reveladas subjetividades distintas, tais elementos reforçam a ideia de que não é possível tomar a juventude como um bloco homogêneo, fechado, mas que há identidades diferenciadas dentro do todo e elas estão em contato e interpenetram-se, isto é, uma influencia a(s) outra(s).

Considerações finais

O presente trabalho procurou investigar a construção de identidades jovens no discurso da letra de rock brasileiro de década de 1980, **Eduardo e Mônica**, de Legião Urbana. Dessa forma, a partir dessa letra musical estudada, é possível perceber diferenças sociais em relação ao casal de sujeitos, com identidades e ideais que se contrapõem em relação aos valores sociais ligados à burguesia como classe dominante. Porém, vale destacar que tais posicionamentos, bem como é revelado na letra, não são fixos, tendo em vista que os sujeitos estão sempre em processo de construção e os deslocamentos se fazem constantes, já que as formações identitárias se ligam à história.

Assim, os discursos da letra musical são férteis e apontam para uma época de sujeitos em conflitos, diferenças não apenas em se tratando de práticas ligadas a gêneros, mas suas posições sociais e seus gostos/práticas culturais que se distanciam. Contudo, o sujeito masculino acaba por se constituir de acordo com os padrões da jovem; pela vivência e vínculo, ele se subjetiva a partir dessas condições de influências. Porém, é possível perceber que as identidades desses dois sujeitos, jovens, são bem demarcadas pelas diferenças que as sustentam. Além disso, pode-se afirmar que se trata de um período de revolução no cenário artístico brasileiro, sobretudo pela música, tendo em suas letras um teor poético, mas de crítica política e social. E tais posicionamentos são exteriorizados/materializados por meio da linguagem, nas letras musicais do rock nacional, revelando a(s) identidade(s) desses sujeitos jovens urbanos da década de 1980, marcada(s) pela diferença.

Discografia

RUSSO, R. Eduardo e Mônica. Intérprete: LEGIÃO URBANA In: LEGIÃO URBANA. **Dois**. Rio de Janeiro: EMI, p1986. 1 LP. Faixa 4.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, M. [1969]. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

GREGOLIN, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? In: **Revista Estudos da Língua(gem)**. v. 6, n. 1. Vitória da Conquista: junho de 2008. p. 81-97. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/88>. Acesso em: 08 de agosto de 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

NAVARRO, P. Discurso, história e memória: contribuições de Michael Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. (Org.) **Estudos do texto e do discurso**: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 59-74.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 73-102.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.



Recebido em 31 de março de 2017
Aprovado em 19 de setembro de 2017